

e diz-lhe que mande alguém verificar se nos documentos com a assinatura de Vitorino Godinho há rasuras ou emendas.

O deputado Carvalho da Silva ataca os governos da república por terem deixado andar à vontade Almeida Pinheiro, que há 3 anos, cometeu uma burla de 240.000 francos, tendo até sido, depois disso, recebido oficialmente pelo alto comissário de Angola.

Segue num longo ataque ao regime, onde —diz— é infundável a série de escândalos e roubos.

O dr. sr. João Camoesas considera insidiosas algumas afirmações do sr. Carvalho da Silva, dizendo que ninguém quer abastar este caso. Considera abaixo de toda a consideração a atitude do sr. Carvalho da Silva. Assume a responsabilidade do que acaba de dizer, em todos os campos.

O sr. Carvalho da Silva cresce para o dr. sr. João Camoesas, impedindo o sr. Tavares de Carvalho a agressão iminente.

O presidente suspende a sessão. Nos Passos Perdidos, depois de várias tentativas frustradas, a scena de pugilato, entre aqueles dois parlamentares ocorreu por fim num recanto, sendo prontamente terminada pela intervenção de um oficial da guarda.

Reaberta a sessão o sr. Carvalho da Silva dá explicações à câmara. Lamentam o incidente os deputados Pedro Pita e Carlos Olavé.

O dr. sr. João Camoesas diz que, em sua consciência, as suas palavras não feriam a câmara, mas se assim é, renuncia ao seu mandato.

Sai da sala. José Domingues dos Santos propõe que alguém vá convidar o deputado João Camoesas a reformar o seu lugar. Vários deputados se incumbem disso, acedendo o dr. sr. João Camoesas ao convite.

O deputado sr. Sá Pereira occupou-se do movimento de 18 de Abril e das deportações.

Disse ser esse movimento destinado a estrangular as liberdades que a república decretou. A provar que os dirigentes sabiam bem que iam cometer um crime está o facto de um official do exercito que sempre afirmou que não colaboraria em movimento algum, lá ter aparecido.

Fazer revoluções é fácil, tomar conta do Estado é missão mais árdua. Esse movimento não oferecia garantia alguma. Não vinha restabelecer a ordem e a paz. As sociedades não se governam à ponta de espada.

Relere-se a vários movimentos republicanos que foram feitos abertamente, e aos republicanos que nêles tomaram parte que nunca fugiram, nem mesmo no período do deambulismo, quando eram ferocemente perseguidos.

Não sucedeu o mesmo com os revoltosos de 18 de abril, que andaram sempre escondidos. Eles tinham bem a consciência que não queriam libertar uma pátria, mas escravizar um povo. Foi por isso que o seu movimento não triunfou.

Lamenta que o governo não tivesse utilizado como devia as autorizações que o Parlamento lhe deu.

Deveria ter aproveitado essas autorizações para extrair vários escahracos existentes nos organismos do Estado.

As deportações, sem prévio julgamento, são uma infâmia.

Referindo-se ao procedimento havido com os indivíduos acusados de fazerem parte da «Legião Vermelha», diz que para os bandidos existem os códigos.

Quem «combater» a «nefasta lei» de 13 de fevereiro, nefasta porque representava um atentado ás garantias de liberdade, tem também de combater as medidas ultimamente adoptadas.

Não aceita as deportações nos termos em que elas foram feitas, fêra da lei, sem o necessário julgamento.

Não admite que não houvesse meia dúzia de juizes com competência para julgar os indivíduos deportados.

Crê que muitos dêles não têm culpas, não tiveram cumplicidade nos delitos que lhes atribuem.

Não se devem poupar os criminosos, —diz— mas também se não deve admitir que alguém, por mesquinha vingança de um policia, seja deportado.

Sabe que um dos deportados, tendo delittos no seu passado, já soffera as condemnações que pela lei, pelos tribunais, lhe foram impostas, não tendo volúntade de prejudicar de qualquer forma a colectividade. A provar que nada há a dizer do seu porte está o facto de ser funcionário do Estado.

Não aceita o critério adoptado nas deportações, que, efectuadas sem prévio julgamento, representam um atentado à liberdade.

Qualquer policia pode lembrar-se que determinado individuo não praticou um crime, mas é capaz de praticá-lo, e esse individuo é deportado. Isto é monstruoso.

As deportações feitas nas condições em que o foram estas ultimas, não merecem o seu aplauso.

Exige que todos os homens sejam julgados e só então, deportados, se essa for a pena que os seus delittos mereçam.

Dirigindo-se ao presidente do ministério diz não acreditar que ele seja capaz de se associar a uma cousa que irá para a história classificada como uma infâmia.

Maldonado Freitas condemnou vários actos dos governos para—disse— não se supor que os aprovara.

Antonio Correia, falando sobre a questão do Rosmaninhal, disse não estar bem esclarecida.

O ministério do interior informa que foram dadas ordens para seguir para o Rosmaninhal um reforço da G. N. R., e que em breve irá um magistrado judicial fazer «in loco», um inquirito para apurar a quem pertencem, de facto, os delittos que originaram o conflito.

A revolta na China

O corpo diplomático dirige-se em termos violentos ao governo chinês

PEQUIM, 18.—O corpo diplomático enviou hoje ao governo chinês uma terceira nota redigida em termos muito energicos, chamando a sua attenção para a necessidade de restabelecer a ordem no mais curto espaço de tempo.

A nota termina dizendo que as potências interessadas usaram dos meios mais energicos para alcançar aquele «desideratum» se porventura o gabinete de Pequim não agir com a celeridade imposta pela situação.—(L)

Bibliotecas nos jardins públicos

Por iniciativa da Universidade Livre, inaugura-se no próximo domingo no jardim de Santa Clara, ás 15 horas, a 6.ª biblioteca nos jardins públicos.

Mais um operário atirado a tiro

por "fugir" à policia

A policia vai demonstrando a verdade profunda da frase que o sr. Vitorino Godinho proferiu no parlamento: «na policia não há assassinos». Estamos de accordo também: não há assassinos na policia. Isso não impede que a policia continue assassinando os presos provando, por cada crime que comete, que o sr. Vitorino Godinho disse uma verdade e uma verdade irrefutável. Diamantino da Anunciação matou-o a policia. Domingos Pereira, matou-o a policia.

Na madrugada de ontem o marfimo José Cabaco foi agredido a tiro pela policia, que não o matou por casualidade.

Esta vez a clássica mentira de que o preso pretenda fugir, não foi posta em pratica da mesma maneira—teve uma pequena variante.

José Cabaco foi agredido a tiro porque desatou a fugir, recusando-se dêste modo a obedecer à intimação da policia.

Um jornal da tarde narrava o caso assim: Desde as 2 horas da madrugada que no Campo das Cebolas três individuos se tornaram suspeitos ao policia que andava de giro. Este para vêr de quem se tratava intimou os três individuos a deterem-se.

Os individuos ao receberem a intimação tentaram desaparecer, numa louca carreira. O policia sacou da pistola, disparou, e um desses individuos suspeitos que era o marfimo José Cabaco tombou ferido.

Xavier que se dá fama de chefe, tomaram a missão bem triste e bem aviltante de terem, por colaborador e mentor, um cadastro. Esses jornais estão evidentemente zombando da mentalidade do publico com essas estúpidas e famosas invenções do celeberrimo Xavier.

Acertando, porém, como verdadeira a mentirosissima versão do chefe Xavier, ela em nada arranca o odio deste crime. Então dispara-se sobre individuos de quem só moralmente se suspeita e atira-se-lhes a matar? Esses jornais estão, decerto ruminando odios que só em assassinatos se comprazem. Só lamentamos a sua covardia em não defenderem abertamente a pena de morte aplicada a esmo, brutalmente, e cobardemente pela policia.

A versão que recebemos do hospital de São José desmente totalmente a dos jornais que vivem adstritos aos indigios procedimentos da policia. Passamos a publicá-la na integra, sem a menor alteração:

«Continua na Sala de Observações do Banco do hospital de São José, sob prisão sendo o seu estado satisfatório, aquele marfimo que, na madrugada de ontem, no Campo das Cebolas, foi ferido com um tiro nas costas. Chama-se José Cabaco, de 33 anos, casado com Amélia de Jesus, natural e residente em Alfeizirão (Alcobaça). Havia chegado, há dois dias, a Lisboa, de viagem dos portos de Africa a bordo do vapor «Aboim» da Companhia Colonial de Navegação e dirigia-se para bordo quando ao passar no Campo das Cebolas, viu que dois vultos se dirigiam para ele, não reconhecendo, devido à escuridão do local, que se tratava de dois agentes de policia, logo então recoso de que fosse algum que pretendesse roubá-lo, tanto mais que era portador de certa importância, pertencente a camaradas seus de bordo. A policia ao vê-lo fugir, sem obedecer ás suas intimações de «alto», fez fogo, indo, como dissemos, uma das balas attingi-lo nas costas.»

«É claro que estes policias não têm nome, nem número: são desconhecidos, são uma aviltante paródia do soldado desconhecido...»

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Quem achou?

O «chauffeur» Mário Cunha perde há dias uma carteira com algum dinheiro e documentos. Solicita a pessoa que a achou a fineza de a entregar na administração dêste jornal.

Teatro São Luiz

Os artistas Rose Amy, Carmen Vargas e Marcel Valles estão dando neste teatro os seus últimos espectáculos; domingo estreia da cançonetista cômica Amália de Isaura.

Concerto musical no Parque do Campo Grande

A banda da Academia Philarmónica Triunfo e Aliança do Campo Grande, sob a regência do seu maestro, sr. Fernando Pimentel, realiza no próximo domingo um concerto das 18 ás 20 horas, no coreto do mesmo parque, onde, com autorisação do governador civil de Lisboa, um grupo de senhoras do Campo Grande, auxiliadas por uma comissão de senhoras da Recreio Operário A Portugal, procederão à venda da Flor.

ACABA DE APARECER:

Revolução em Portugal

Comunista? Socialista? Libertária? Sindicalista?—Coligação das esquerdas.—A transformação da República.

Por CAMPOS LIMA

Edições SPARTACUS Preço 6\$00

TIVOLI

TEL. N. 5174

ÁS 8 3/4

AO POLO NORTE

com o capitão Nielsmalm

A região dos eternos gelos. Ursos e focas em liberdade. Aspectos fantásticos à Gustavo Doré. Filmes do mais alto interesse sob o aspecto geográfico e zoológico.

PLASTIGRAMA

Pela primeira vez em Portugal cinematografia estereoscópica. Perfeita ilusão do relêvo. Visões soltando-se do quadro cinematográfico.

PALHAÇOS

Adaptação cinematográfica da ópera de Leoncavallo

Uma cine-farça—Uma cine-revista

A sala de espectáculos mais arejada de Lisboa

RENOVAÇÃO

A primeira revista gráfica que se publica no campo das

ideias libertárias

Uma obra de depuração estética e pedagógica que se impõe, e que merece ser

auxiliada

Começam já chegando ás afirmações de apoio e de entusiastico aplauso à iniciativa tomada pela Secção Editorial de A Batalha de editar uma revista gráfica de novos horizontes sociais que será um quinzenário de Arte e de actualidades, intitulada Renovação. Todos quantos nos fazem chegar o testemunho da sua solidariedade são unânimes em considerar a Renovação como uma obra de depuração estética e pedagógica que se impõe e que merece, portanto, ser auxiliada.

Como conhecemos o ardor da empresa a que nos abalancamos—e se a empreendemos é porque pensamos em pôr nela a nossa vontade mais do que a nossa suficiência —confiamos o êxito da Renovação ao apoio moral e material que nos prestem os que com a sua publicação sympathizem, e ao concurso das penas mais ou menos experimentadas dos nossos literatos, isto é, dos literatos que militam no nosso campo de ideias.

Renovação será como que a barricada onde querremos que se entrincheirem tôdas as pessoas de estudo e pensamento que com a sua caneta—que é a arma da alma e da intelligência—lutam por uma sociedade melhor, combatem por um ideal de Beleza, de Humanidade e de Justiça.

Todos quantos da pena se servem como de cartamelo demolidor da rotina, da ignorância e dos preconceitos; todos quantos da pena se servem como de arado abrindo nos espiritos os sulcos para receber a semente da ideia nova; todos quantos argamassam, dia a dia, com a tinta dos seus teinteiros os alicerces da Sociedade Futura, são chamados a vir dar combate, numa frente única, nas colunas da Renovação. Que não mais sirva como razão do seu mutismo ou da sua inactividade, a falta de tribuna donde proclamar os seus sonhos, os seus protestos e as suas anseios, a falta de um campo onde se possam encontrar, ombrear com o povo trabalhador militante, activo, idealista. Essa tribuna vai ser construída, esse campo vai-lhes ser franqueado pela classe trabalhadora. Chama-se essa tribuna Renovação e esse campo que é a revista—encontrar-se-hão, conhecer-se-hão, compreender-se-hão, aprenderão a estimar-se e a considerar-se manuaes e intellectuais,—trabalhadores todos êles—irmãos no sofrimento, irmãos na mesma crença e no mesmo anseio— a felicidade humana, a felicidade para todos.

«Os filhos da noite»

Da Associação de Classe dos Fragateiros do Pôrto de Lisboa recebemos ontem o seguinte comunicado:

«Publicava ontem o Diário de Notícias uma local com a epigrafe: «Os filhos da noite» onde se afirmava que esta classe tinha protestado em sua reunião, contra um denunciador de vários individuos que têm cometido furtos de trigo no Tejo. A bem da verdade devemos salientar que este organismo reunido em assembleia geral no dia 16 do corrente protestou unicamente, dando a suspensão de trabalho da fragata onde andava o tripulante Casimiro Tavares, por este não cumprir com as deliberações do seu sindicato, não sendo verdade que tivesse protestado contra as ultimas prisões por furto de trigos que se têm dado no Tejo. Esta classe não se opõe a questões de semelhante ordem, pois com tal attitude sairia fora das leis que a regem.»

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano dêste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alôncio, contendo um indispensável indice dos variados assuntos de ordem doutrinária, litterária e artistica.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e indice), 20\$00.

Capas e indice em separado, 1\$500.

Pedidos de collecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha

TEATRO SÃO LUIZ

Tôdas as noites a representação da linda «Bluette»

CHIC-CHIC

LINDA MUSICA INTERESSANTES SCENARIOS

DOMINGO, 21

Estreia da cançonetista cômica

Amália de Isaura

TEATRO NOVO

NO PALACIO TIVOLI

AINDA ESTA SEMANA SE REALIZA

AVANT-PREMIERE

da peça do escritor PIRANDELLO

UMA VERDADE PARA CADA UM

Encenação de GIL FERREIRA

Assinem OS MISTERIOS DO POVO

A guerra de Marrocos

Painlevé assevera que Abd-el-Krim será obrigado a render-se...

PARIS, 18.—O sr. Painlevé comunicou ontem ás commissões da câmara os resultados da sua viagem a Marrocos, declarando que Abd-el-Krim, agora bloqueado, estará rapidamente em condições de não poder prosseguir a luta e será obrigado a render-se.—(L)

... mas o chefe moçro projecta uma grande ofensiva

PARIS, 18.—O sr. Painlevé entrevistado pelo representante de um jornal disse ter adquirido a certeza na sua viagem a Marrocos de que Abd-el-Krim conta com o auxilio das nações mussulmanas para o êxito da sua projectada grande ofensiva, mas esse auxilio de nada valerá desde que se effectue o bloqueio da costa do Rif.—(L)

O império colonial da França em jôgo

PARIS, 18.—«Le Matin» julga saber que o sr. Painlevé considera o problema de Marrocos como uma questão nacional pondo em jôgo o império colonial da França e se conservará no poder em quanto as câmaras lhe assegurarem uma maioria, sem ter em conta a attitude dos diferentes grupos.—(L)

O governo francês na iminência da queda

PARIS, 18.—O partido socialista deliberou hoje sobre a sua orientação parlamentar e, especialmente, se deve ou não continuar a apoiar o governo.

Se se pronunciar pela negativa, corresponde a rutura do chamado «cartel» de esquerdas.

«Quotidien» diz que a actual situação deve levar à queda do gabinete, mais ou menos proxima, mas o «cartel» se salvará.

«L'Ére Nouvelle» considera injustos os ataques feitos ao gabinete e espera que a ponderação e o bom senso dos partidos republicanos evitem uma crise ministerial no actual momento.—(L)

Barreiro

Visitas importunas

BARREIRO, 18.—Encontram-se nesta villa, desde o dia 16, seis agentes da P. S. E. Não sabemos se andam em «missão de estudo», pelas visitas que têm feito ás diferentes officinas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Hoje vimos-lhos no mercado a passar revista ás patas dos diferentes cavalos e muarees que ali se encontravam. Andarão a ler a «buena-dicha» aos pobres quadrupedes? Ou será para a estatística dos bem e mal calçados? O mais acertado será para receberem inspiração.

Para passarem hoje o tempo foram visitar, pelas 6 horas, a Associação dos Corticeiros. Como as gavetas do núcleo da Juventude Sindicalista, ali instalado, se encontrassem fechadas encontraram pronto remedio com chaves que traziam no bolso e assim, abrindo-as, levaram o livro de actas, a correspondência e uma pasta com diversos documentos.—C.

Colégio Calipolense

Promovidas por uma comissão de alunos do Colégio Calipolense realizam-se hoje e amanhã na respectiva sede, rua Eduardo Coelho, 66, deslumbrantes festas com o programa que segue: Hoje—Bodo a 200 pobres, ás 16 horas, o qual será precedido de algumas recitações e trechos de canto pela distinta amadora sr.ª D. Isabel Pego; abertura da exposição de trabalhos escolares; apresentação de exercicios de gymnastica sueca e demonstração de dança popular. Amanhã—Baile, ás 22 horas.

A comissão teve a gentileza de nos enviar 5 senhas para o bodo. Agradecemos em nome dos nossos contemplados.

Desastre

Na enfermaria de Santa Joana deu entrada Maria Luísa Clara de Oliveira, de 44 anos, natural de Lisboa, praça da Alegria, r/c, que tentou suicidar-se precipitando-se da janela da residência à rua, fracturando uma perna e ficando ferida no rosto.

Motociclistas infelizes

A noite passada descia pela Avenida da Liberdade uma moto da qual era chauffeur Mário Ferreira Nunes, de 29 anos, morador na travessa da Glória, 19, 3.ª dt.ª transportando na respectiva side-car, Virgílio Prieto, de 30 anos, morador na travessa da Espera 45, 1.ª, quando esta devida a qualquer manobra errada, foi chocar com uma árvore, sendo os dois cuspidos do veiculo e ficando com vários ferimentos nas pernas e rosto. Depois de receberem curativo no Banco do Hospital de S. José seguiram para casa.

Realiza-se hoje saindo do Hospital de S. José para o cemitério de Bemfica o funeral da Januária dos Santos, aqulle comerciante de Santarem, que ali, no campo Sá da Bandeira, ao descrever uma curva, foi cuspidado da moto que guiava, vindo a falecer na enfermaria de Santo António no dia 15 último, como então noticiámos.

DESPORTOS

A Seleção Portuguesa vence a Italiana por 1-0

Num jôgo correcto e leal, bastante emotivo e rápido, a selecção nacional conseguiu ontem, perante um adversário de grande valor, impôr-se e conquistar a sua primeira vitória em jogos internacionais. Com a assistência de publico pouco inferior à que assistiu ao último Portugal-Espanha, atendendo a ser um dia de trabalho, o Estádio offercia um aspecto imponente.

A equipe italiana, de camisola azul e calção branco, é a primeira a entrar no campo, ovacionada pelo publico, effectivando por sua vez as saudações do estilo a meio campo do lado da presidência primeiro, para o lado dos peões depois. Seguem-se os portugueses de camisola encarnada e calção preto, equipe vistosa, recebida com entusiasmo pelo publico que a victoria com calor.

Os capitães trocam os tradicionais gallardetes, por sinal artisticos, de séda das cores nacionais bordados a ouro, e uns formosos ramos de cravos. Aemerkan, árbitro belga apita para o inicio do encontro, cabendo a sorte da escolha à equipe italiana.

Saem os portugueses em jogada de pouco effeito, que leva a bola fora; é marcado o primeiro livre contra Itália e seguidamente contra os portugueses por mau lançamento feito por Fonseca. Há uma avançada portuguesa excellentemente conduzida, rematada por Delim muito bem como bem defendeu Combi guarda redes italiano.

A linha italiana, de constituição atlética excellentes, superior, assenta o seu jôgo começando a inquietar por vezes as redes de Vieira. Este um tanto nervoso para por vezes mal, mas com valentia, não permitindo entretanto, a pesar de carregado que a bola entre.

Há equilibrio nas jogadas, conquanto os italianos pesem um pouco mais no campo dos portugueses.

Registam-se duas boas defesas de Chico Vieira, mais seguro já, e outras tantas de Chico. Numa avançada perigosa, da linha dianteira vermelha, Mário soffre uma fratura no momento próprio, dentro da área. O arbitro marca um livre contra Itália, protestando o publico porque, a marcar, deveria ser uma grande penalidade.

O ponto da victoria

A sete minutos do fim regista-se um pontapé de canto contra Itália. Marca-o primorosamente Domingos Neves que joga a extremo-direito. Combi carregado por Mário mal toca na bola dando logar a que João Francisco lha meta na rede com facilidade.

A multidão aplaude freneticamente e o ataque português intensifica-se quando, os 45 minutos decorridos põem termo ao primeiro tempo.

Na segunda parte

Saem os italianos que perdem a bola avançando os portugueses sem maior resultado por intervenção de Caligarris, defesa esquerda, que tem estado simplesmente colossal. A linha avançada nacional, ligando muito melhor, impõe por momentos o seu jôgo, mas a defesa contrária e segurissima.

Os italianos reagem por sua vez e reconquistam o seu dominio que não é absoluto, mas que põe em risco as redes portuguesas, especialmente a ala direita dos «azuis» que trabalha muito bem a bola, obrigando Cesar e Jorge a um trabalho fatigante. Chico tem uma parada admirável a um forte remate, perto das redes, feito pelo interior direito, Baloncieri, «chutador» emérito.

Augusto Silva e Cesar têm salvo milagrosamente duas bolas certas.

As avançadas dos portugueses, embora em menor numero do que as dos adversários são perigosas pela excellentes condução de jôgo do trio central. Tamaheiro e distribui jôgo com uma pericia notável. Os italianos carregando um tanto mais, têm remates infelizes, observam-se mais dois ou três pontapés de canto que nada resultam. São vinte horas e dez minutos e a assistência do publico é travada pelo arbitro que apita dando o encontro por terminado.

Já não havia dúvidas, a selecção portuguesa conseguia um resultado, no marcador, igual ao da Espanha, e no campo, superior, porque o dominio dos italianos foi no Estádio menos acentuado do que em Valência.

O publico, entusiasmado, invade o campo, ovacionando vencedores e vencidos, conduzindo alguns em triunfo.

Dos jogadores

Os melhores dos portugueses foram Tamaheiro, Pinho, Jorge, Francisco Vieira, seguidos por Delim, César, João Francisco, Mário, Augusto Silva, Domingos Neves e Fonseca.

Este último, do Pôrto, tem qualidades para fazer melhor logar, mas há a atender a sua pouca experiencia em jogos de responsabilidade como o de ontem e ainda o ser mal servido pelo seu interior, que tem o defeito de esquecer o ponto.

Nos italianos notabilizou-se, a defesa especialmente o esquerdo que ainda não vimos melhor. Guarda-redes bom. Os medios excellentes, momento o centro Burlando e o direito Genovesi. Do ataque evidenciou-se pela sua admiravel colocação e boa combinação nas jogadas a ala direita Conti e Baloncieri.

A arbitragem viu bem as deslocções, não se deixando influenciar, punindo com consciencia tudo que viu. Foi agradável a impressão que deixou, pela sua imparcialidade.

Falámos com Ribeiro dos Reis brilhante jornalista desportivo e seleccionador da equipe portuguesa. Patentou-nos a sua satisfação pela conduta do onze nacional e num contentamento discreto declarou-nos que para êle todos foram bem... deram o melhor.

Jorge Vieira é que não oculta o seu jôgo, já não só pela victoria, mas pela correcção dos seus homens e pela lealdade dos adversários.

São excellentes jogadores—declaramos— e uma constituição atlética que os impõe, tendo-me maravilhado a forma como decorreu o encontro sem um acto, que de qualquer lado empanasse o brilho que em encontros internacionais, como estes, se observam por vezes, quando a sorte não se apercera...

Mr. Ahenkerkan diz-nos: «Julgo-me satisfeito em me ter deslocaado de tão longe, pois há muito que não observava um jôgo tão agradável, emocionante e sobretudo leal. Sim, a arbitragem foi-me muito facilitada pelos vinte e dois homens que pela primeira vez se encontraram...»

—As suas impressões sobre os jogadores?

—Dos portugueses, achei excelente o

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No São Carlos

Recital de D. Margarida Lopes de Almeida

Há muito poucas pessoas que saibam dizer versos e tanta gente há que quer recitar, *malgré tout*... Há mesmo restricções para os que recitam, porque assim como nos gêneros dramáticos uns se inclinam para este ou para aquele, na poesia a vocação de dizer amolda-se melhor a esta ou aquela modalidade.

E, não são as composições pequenas as melhores de interpretar.

D. Margarida Lopes de Almeida deu o segundo recital de versos portuguezes e brasileiros. Fez-se ouvir perante um publico escolhido e numeroso suggestionado já pelo primeiro recital em que esta senhora parece ter marcado a sua individualidade de «diseuse».

Para nós foi uma estreia a segunda audição. D. Margarida Lopes de Almeida tem evidentemente qualidades que, melhor aproveitadas, lhe grangeariam também melhor nome.

O que mais vincadamente se nota na *diseuse* é a clareza da inflexão. Voz branca, de bom timbre. Que interessante seria a distribuição das notas vocais num sentido gradativo que não prejudicasse o poliorramatismo dos versos de maior scintillação emotiva.

Nem sempre o sentimento da dição responde ao facimento das frases, ao fa-la das ideias. No soneto de Eugénio de Castro ao filho «Martins» a recitadora não attingiu o extase, a visão do pai que augura grandezas para o filho. Não houve recolhimento, esperança, candura paternal, cequeira de afecção. A voz ergueu-se alto de mais. E, no final, quando a vida